



VIAGEM E MEMÓRIA EM VENEZA: O IMAGINÁRIO DA CIDADE ENTRE A ÁGUA E OS SONHOS

Valéria Cristina Pereira da Silva *

Resumo: O presente artigo busca compreender a cidade imaginária através do simbolismo da água. A imagem de Veneza é analisada a partir da fenomenologia da imaginação unida à experiência, a percepção e o contato com a própria cidade. A Veneza poética, simbólica, transcendental, arquetípica presente na consciência dos poetas da forma e das palavras, dos sons, das cores e todas artes sinestésicas, é aqui também reatualizada em forma de narrativa e memória, através da experiência da viagem, do olhar estrangeiro e do contato afetivo com essa bela e emblemática cidade azul.

Palavras-chave: Cidade. Imaginário. Água. Onirismo. Simbolismo

Abstract: This paper search understands the imaginary city thought water symbolism. Venice's image is analyzed by the imaginary's phenomenology united in the experience, the perception and with the contact with the city itself. The poetic, symbolic, transcendental, archetypical Venice, present at forms, words, sounds, colors and all "kinesthetic arts" poetry's conscience, and the city is updated in narrative and form, by the travel experience, the foreign regard and affective contact with this beautiful and emblematic blue city.

Keywords: City. Imaginary. Water. Oniris. Symbolism

* Universidade Federal de Goiás – UFG,
Goiânia, GO, Brasil.

Professora Adjunta IV. Coordenadora do Grupo de
Estudos de Paisagem, Imaginário e Transculturalidade
(GEIPAT).

Doutora em Geografia
vpcsilva@hotmail.com



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE BRASIL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Veneza, verdadeira senhora de Constantinopla

Marco Polo

O livro das maravilhas

Veneza é uma cidade imaginária por excelência, já muito representada na literatura, na pintura, no cinema, na fotografia e em muitas outras formas de arte e expressão, é evocadora de imagens e um dos destinos turísticos mais desejados mundialmente devido a sua paisagem esplendida que facilmente torna-se cenário para a criação. Veneza tem muitas faces, muitas cores, muitas imagens. Calvino (1990) explorou essas imagens em suas cidades invisíveis e a partir da personagem Marco Polo, recriou o universo memorialístico do legendário veneziano.

Neste trabalho busco revisitar a Veneza imaginária, a partir de uma leitura bachelardiana que engendra as forças imaginantes da água e nos permite compreender essa cidade flutuante na profundidade de sua significação simbólica. Essa fenomenologia foi aliada à experiência empírica e ao olhar estrangeiro. Uma cidade que flutua sobre a água é geradora dos sonhos mais profundos que, como disse Bachelard (1997), constitui-se entre o primitivo e o eterno e na sua intimidade substancial está inscrita uma causa sentimental que faz desta cidade uma matéria poética ao longo dos séculos.

Partiremos da paisagem de Veneza e do simbolismo da água em seu universo mítico, ou seja, como esse simbolismo reatualiza Veneza, ao mesmo tempo em que permite pôr em perspectiva imagens novas que ainda não foram analisadas neste espaço. Seguindo a perspectiva de G Bachelard (1997, 1993, 1985) e G. Durand (1997, 1996) buscaremos estabelecer uma fenomenologia da paisagem relacionando a cidade, a água e sua experiência onírica. Pois, para o filósofo da imaginação “toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho”. (BACHELARD, 1997, p.5).

Nesta via metodológica estará o cruzamento da narrativa de viagem, a percepção da paisagem veneziana e o imaginário da cidade. Também examinaremos a imagem de Veneza nas obras de Calvino (1990), de Cecília Meireles (1968) (1997) e de Augusta de Faro Curado (1988) em textos literários e memorialísticos, como também os devaneios da água que dão cor, imagens e sentidos à Veneza.



2. Morte em Veneza: simbolismo e imaginário

Em Veneza todo viajante é um viajante no tempo. Tomamos uma embarcação pequena que nos levava à flor da água para alcançar uma cidade entre as brumas: Veneza. A travessia da laguna foi uma eternidade, parecia imensa mesmo com a velocidade do barco a motor. Um barco de madeira escura como a última nau que tomamos em cada existência. Era como se tivéssemos por um fio! Mas nada podia dar errado, não dava nos séculos de travessias que ali sucederam, fosse dia ou noite. Mesmo assim, o tempo gotejava lentamente no meu semblante e aproximando-me da cidade a travessia parecia infinita.

A dependência da nau para alcançá-la gerou um estado, ao mesmo tempo, de limitação e transcendência. Senti-me como as personagens de Vermeer no quadro a Vista de Delft e o significado mais profundo daquela imagem – o poder da cidade do outro lado – a alusão a uma cidade sagrada, a mais sagrada da nossa história cultural e mítica, a cidade flutuava sob as águas, como a Jerusalém Celeste flutua sob as nuvens.

De acordo com Beckett (1997, p. 210) a imagem de Delft (ver figura 1) tem uma aparência despretensiosa, ou seja, uma visão topográfica da cidade holandesa na qual Vermeer apenas descreve, mas para além dessa aparência há uma realidade maior e não cotidiana e transcendente:

A cidade que reluz para nós do outro lado das águas é tanto Delft quanto a Jerusalém Celeste, a cidade da paz. Oferece profunda variedade, não na extravagância, mas na mistura simples de telhados e torres, igrejas e casas, zonas ensolaradas e faixas encantadoramente sombreadas. Acima, o céu torna-se abóboda, as nuvens de chuva se erguem e se dispersam, a sublime área azul expande-se de modo quase visível. As diminutas figuras perto do cais somos nós, ainda sem chegar à cidade santa, ainda apartados e desejosos, mas cheios de esperança. Os barcos estão ancorados e nenhum obstáculo se apresenta. O que se mostra tão agudamente evocativo do paraíso é a total normalidade da cena. (BECKETT, 1997, p. 210).

Veneza, como a Delft de Vermeer, remete-nos com força também esse lugar mítico que pode comparecer em diversas imagens arquetípicas e simbólicas tal como a Jerusalém Celeste ou os Campos Elísios, a cidade ao longe separada de nós pelas águas claras e suas torres cintilavam à vista (Ver figura 2). Veneza participa desse mesmo simbolismo, desse mesmo mistério. O encanto no sentido espiritual e religioso que uma



cidade banhadas pelas águas contém, soma-se a imagem sensual de sua paisagem em estado de água, a imensidão líquida que a contorna, a água em forma de vapor, ou seja, o nevoeiro como a água celeste que envolve suas torres e cúpulas, dilui e adoça a luz que a reveste. Uma poética do sentido e do sentimento envolvem-na e se manifesta em múltiplas formas de expressão, de representação e de lugar vivido.



Figura 1 - Jan Johannes Vermeer, Vista de Delft, 1658, 100X117 cm. Disponível em:

<https://www.mauritshuis.nl/en/explore/the-collection/artworks/view-of-delft-92/> . Acesso em 30 de maio de 2017.

A relação e a dependência dos barcos para transitar em Veneza, como a imagem folclórica das gôndolas, sobretudo, as de cores escuras e douradas, lembra-nos, sem esforço, a imagem de Caronte – a lenda do barqueiro das almas – que foi trabalhada por Bachelard (1997) como o complexo de Caronte, pois, trata-se de uma lenda com mil formas incessantemente renovadas na cultura. E, apesar dessa variedade de manifestações, o tema nas palavras de Bachelard, possui *unidade onírica* dando-lhe



consistência e emergindo de modo recorrente na expressão literária. Em Veneza a manifestação arquetípica dessa lenda associa-se diretamente a paisagem, pois, a necessidade de tomar barcos “desconhecidos”, o tempo todo, para se deslocar de um ponto a outro da cidade, ter os canais no lugar das ruas e o onirismo da imagem da gôndola reforçam essa associação mítica. Sobretudo, através da imagem da gôndola revivemos uma memória profunda, uma beleza misteriosa e ao mesmo tempo sedutora, fazendo com que a figura de Caronte seja renovada, não mais o barqueiro como uma imagem aterradorante, mas uma figura suave, cantante, emblemática que participa do mesmo sensualismo da cidade e de sua magia (ver figura 5).



Figura 2 - Vista de Veneza - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016

A sabedoria popular aconselha aos navegantes que não subam num barco desconhecido. Não há porque temer tonalizar essa prudência dando-lhe o seu sentido mítico. Em suma, todos os barcos misteriosos, tão abundantes nos romances do mar, participam da barca dos mortos.[...] Por mais que atravesse um simples rio ele traz o símbolo de um além. O barqueiro é guardião de um mistério (BACHELARD, 1997, p. 80-81).



No barco, a experiência dessa viagem trazia uma palpitação, rosava as faces aquecidas de sol, refrescadas com os respingos e a brisa a penetrar no barco com força. A breve travessia era uma jornada, embora as águas fossem mansas e verdes, havia um sentido maior nessa passagem e pagamos ao barqueiro 10 euros para chegar ao outro lado. Por um instante, eu estava numa barca de Caronte e a cidade que eu buscava alcançar era aquela dos ancestrais mais remotos. Como não encontrar naquela cidade o devaneio das águas? O complexo de Ofélia e, principalmente, o complexo de Caronte? O mais profundo simbolismo das águas e a metapoética da verdadeira viagem:

Aqui uma pergunta me oprime: *Não terá sido a Morte o primeiro navegador?* Muito antes que os vivos se confiassem eles próprios às águas, não terão colocado o ataúde no mar, na torrente? O ataúde, nesta hipótese mitológica, *não seria a última barca*. Seria a *primeira* barca. A morte não seria a última viagem. Seria a *primeira* viagem. Ela será para alguns sonhadores profundos, a primeira viagem verdadeira...A morte é uma viagem e a viagem é uma morte. “Partir é morrer um pouco”. Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos mortos. Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma ventura. (BACHELARD, 1997, p. 75,77, grifos do autor).

As águas de Veneza trazem à tona muito fortemente esse inconsciente, as imagens afloram, pois atravessar as águas equivale a “atravessar a morte” para atingir a cidade e, estando nela, tudo é travessia: os canais, as gôndolas, as pontes. Há uma superabundância de imagens. Sua paisagem é mitopoética e repleta de símbolos de transcendência e esse é o primeiro traço fundamental de Veneza, que a faz eterna.

Como afirma Bachelard (1997) todo um lado de nossa alma noturna explica-se pelo mito da morte concebida como uma partida sobre as águas e esse inconsciente marcado pela imagem da viagem sobre a água é uma força imaginária na paisagem de Veneza que se conecta a várias lendas fúnebres da travessia e culmina com a imagem do cemitério de Veneza (Ver figura 3) em uma alusão cênica do próprio Hades. Neste cenário todos devem subir a barca de Caronte! A cidade é um sonho dentro do sonho.

A morte é uma viagem que nunca acaba, e uma perspectiva infinita de perigos. Se o peso que sobrecarrega a barca é tão grande, é porque as almas são culpadas. A barca de Caronte vai sempre aos infernos. Não existe barqueiro da ventura. Quando um poeta retoma a imagem de Caronte, pensa na morte como uma viagem. Revive o mais primitivo dos funerais. (BACHELARD, 1997, p. 81-82).



O cemitério, ao longe, com seus longos portões em arcos, e por ser um dos espaços mais verdes de Veneza simboliza, de forma ambivalente, o “Hades”, e também os Campos Elísios como imagem do paraíso floral e verdejante, para onde seguem as almas dos homens virtuosos, tal como no antigo mito. De acordo com Brandão (1986) o domínio de Hades, personificação do além, foi compartimentado geograficamente em três espaços distintos: o Érebo, o Tártaro e os Campos Elísios. Para chegar a qualquer uma das partes desse além é necessário atravessar o rio dos mortos! A paisagem pungente e silenciosa do cemitério San Michele é evocadora desses sonhos míticos e pode ser vista como um entre-lugar de repouso, onde habitam deuses, lembranças e anjos de pedra.



Figura 3 - Cemitério San Michele – Veneza - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016

No primeiro contato com a cidade, vi apenas uma pequena face de Veneza, quando atravessei a Ponte Calatrava e ao longe estava uma parte do Grande Canal, nesse momento, a paisagem foi tomada por uma tempestade aromática, um fortíssimo odor de rosas, magnólias e petúnias lilases. Meu espírito ficou inundado por uma sensação de que as flores dos mortos no mar de Veneza de todos os séculos emergiam naquele canal e flutuavam nas águas turvas como as flores de Ofélia na correnteza. Respirei



profundamente para confirmar os meus sentidos e essa aroma inundou-me com mais ímpeto, sinestesticamente. Era primavera e a abundância de odores florais e frutais tomavam as brisas.

Os barcos de madeira enegrecidos estavam aportados e eram as próprias naus dos mortos! Porém, uma outra ambivalência simbólica reveste a cidade, além da melancolia imaginária do simbolismo da passagem fundamental, as cores vivias de Veneza afloravam como um poema imaginário. E nessa paisagem, o trânsito das gôndolas e de pequenas embarcações adquirem uma imagem igualmente doce e acariciante ao longo em toda laguna de Veneza. A cidade estava repleta de luz embelezando a imensidão líquida que a contorna. Neste cenário fabuloso muitas gôndolas cruzavam ao mesmo tempo, como nos quadros antigos que retrataram a cidade.



Figura 4 - Gôndola no canal - Paisagem de Veneza - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016





Figura 5- Gôndola sob o arco da ponte - Paisagem de Veneza - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016

Desse modo, as almas salvas veem a Veneza azul flutuante dos poetas, ouvem as músicas dos concertos ao ar livre e seus sons de harpas e violinos. Já as almas perdidas a veem por debaixo das pontes e o que enxergam na travessia das águas é a Veneza dos cassinos, da jogatina, das máscaras mais tétricas. À noite, porém, as almas salvas e as perdidas encontram-se na mesma cidade e somos nós mesmos andando por seus labirintos de pedra e tempo, como muitos o fizeram antes de nós. As almas do passado, as encontramos sem sabermos e, como na cidade de Adelma de Calvino (1990, p. 89-90), elas também se misturam, as do passado e as do presente, porque lá todos se confundem e isso faz a memória de Veneza, forja seus registros indelévels e a marca dos seus passantes.





Figura 6 - Grande Canal - Veneza - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016

3. Veneza e o viajante do tempo

O tempo do viajante escoo como as águas do Grande Canal no agito dos Vaporettos, enquanto o tempo da cidade parece imutável. Ir à Veneza é ir ao passado, não há rodas, nem mesmo de bicicletas. Tudo se faz a pé ou de barco, cruzando pontes curvas, por cima ou por baixo delas, atravessando canais, espremendo-se em ruelas ou vagando em grandiosas praças. Não há verticalização que não sejam de torres sagradas ou cúpulas fabulosas. As igrejas e os museus se confundem encantadoramente.

Aqui se toma uma barca para o passado: quem foi um dia a Veneza carregará para sempre esse pretérito dentro de si. As cores de Veneza vicejarão na alma das lembranças, porque lá se vai para viver um passado de uma vida latejante que sonhamos um dia e não tínhamos encontrado nunca. Ao colocarmos uma máscara veneziana de cor púrpura brilhante, o passado nos espera como uma fotografia, uma tela de cinema ou um diário aberto onde cada qual escreve o enredo de sua própria fantasia; cada qual é o protagonista desse tempo-passado-sonho e ensaia o seu final como queira, com glamour



ou tragédia, terminado num baile de máscaras ou as portas de um palácio fabuloso, você escolhe! Mas o que não se escolhe é fugir do tempo! Quem vai a Veneza vai para encontrar uma vida perdida na engrenagem das folhas de hera. Todos nós nos deparamos com um passado para viver e reviver. Sem nunca ter estado antes nesta cidade, a reconheci como minha, como uma cidade de tudo e de todos que me eram caros e na Veneza azul encontrei mais que um destino de viagem, comecei pisando um lugar arquetípico, tantas vezes sonhado através do viajante Marco Polo, recriado por Ítalo Calvino, no qual eu via não as sete, mas as setenta e sete maravilhas que ele descrevera. Vindo de longe, chegasse a Veneza pelo aeroporto Marco Polo esse é o primeiro encontro com o viajante veneziano.

4. A Veneza azul

Veneza é uma cidade Azul, descobre-se isso olhando-a do outro lado da laguna, vista de longe, por entre as brumas, ou olhando-a através das pinturas emoldurada por diferentes matizes azul celestes. Os poetas e pintores conseguem enxergar na infinita palheta de tons que cobre a cidade o predomínio do azul. O azul do céu e das águas a envolvem e tingem na bruma esfumada dos mais delicados pasteis ou em tons que caem como um manto, que vão do azul royal ao safira, passando pelo turquesa. Nos dias nublados um azul plúmbeo, como véu delicado, cai sobre sua face. Nos dias ensolarados, o céu muito azul, reflete em suas águas tornando-as azul celestes, verde-água e esse jogo de cores e luzes trazem um efeito especial para suas cúpulas, a brancas ficam de um azul muito especial, somente um pintor-poeta capta esses matizes angelicais da cidade.

De acordo com Heller (2000, p. 23) no simbolismo das cores o azul é a cor mais amorosa. Podemos dizer que todas as cores podem servir para o bem ou para o mal. O azul porém liga-se apenas ao bem! O azul conecta-se a todos os sentimentos bons, mesmo a melancolia evocada pelo azul é desejo de transcendência. Segundo a autora não existe sentimento negativo em que o azul predomine. É a cor da harmonia, da simpatia, da amizade e da confiança é também a cor do divino, a cor eterna. Evocação daquilo que deve durar para sempre e em combinação com o branco simboliza os mais altos valores “ No mundo inteiro, a combinação de azul e branco simboliza valores supremos. Esse é o acorde cromático □□da verdade □ do bem □ do judicioso”. (HELLER, 2000, p. 27).



Perguntei a uma artista plástica veneziana de que cor era a cidade e ela respondeu-me sem titubear: - É azul! Na aquarela abaixo do veneziano Fabio Baldan vemos uma Veneza azul e branca diluindo-se na bruma com uma luz adocicada e refrescante.



Figure 7 – Aquarela de Fabio Baldan - 2016. Acervo Particular

Além da cor, esses dias brumosos trazem-lhe perfumes especiais, odores refrescantes das flores dos jardins espalham-se pela cidade. Nos dias de ventania chegam as flores do campo e nos dias de cheia o odor de rosas....

Os matizes e os odores acompanham os dias de Veneza e compõem junto com os sons das águas a sinestesia de uma melodia viva. Veneza é azul como Paris é sépia e rosa-choque, num misto de Audrey Hepburn e Maria Antonieta. Veneza é azul ao som de flauta doce e piano com notas de vinho acompanhado de romãs. A fruta de Veneza é a romã, ainda hoje presente em suas praças e jardins. Uma romã vermelha como amor. Veneza é a capital do amor como de romã, tal o palíndromo faz-se harmoniosamente na cidade e nas palavras. Uma romã vívida, rosada, plena de sementes cheias de cristais de água. Os espaços da cidade são como as sementes de uma romã, um número sem par de sementes envoltas em água aglutinam-se e coadunam em camadas e camadas separadas apenas por finas membranas internas, uma romã aberta, revelada, romântica em cada pedra, cada canal, cada história inscrita no seu chão calcinado de séculos e de gente que



passa. Você encontra romãzeiras cruzando a Ponte do Arsenal na rua Campiella Della Malvasia e encontra também bancos para ficar debaixo delas. Em Veneza duas senhoras podem ficar por horas sentadas num banco público em absoluto silêncio, contemplando um canal, às águas e as brumas verdes e azuis pastéis. Somente depois de horas elas começam a conversar. Esse é o ritmo que a cidade oferece para quem a contempla.



Figura 8 - Veneza - Praça com romãzeiras - Foto de Valéria Cristina P. da Silva - 2016

Veneza é uma grande gema anamórfica plena de construções monumentais, casarios e janelas. As venezianas trazem uma imagética temporal. Na primavera e no verão todas as janelas estão floridas e há mais flores no alto do que no chão, convidando-nos a contempla-las, pois Veneza faz seus jardins nas janelas. Miraculosas e belas voltam-se para o céu do mediterrâneo, para as estrelas do Adriático.

As janelas, porém, quando abertas dão para interiores opacos, sombrios, pouco visíveis. Os interiores, assim, permanecem um mistério como tudo que acontece nestes espaços. O oposto do interior é a vitrine – ao mesmo tempo transparência e espelho - exibem diversos tipos de mascarados, bruxas de variadas formas, gatos vestidos com



roupas do medievo, bonecos articulados e toda uma engenharia diabólica da bonecaria pendurada que nos surpreende nas curvas entre uma ponte e outra. Esses fantasmas de porcelana, gesso, vidro, couro, madeira e tecido a noite são iluminados por lâmpadas internas, por vezes, bruxuleantes e estampam os personagens com os quais nos encontramos o tempo todo, figurando como uma espécie de reflexo dos passantes. Essas vitrines são, ao mesmo tempo, mercadoria em exposição e espelho do exterior.

Veneza é uma cidade dos objetos que as águas marinhas levam e trazem até ela: ânforas de Murano, sombrinhas brancas de renda, gôndolas em miniatura, máscaras, pequena peças de vidro e renda que são verdadeiras joias.

Há muita luz! Velas elétricas, lâmpadas, luminárias em diversa formas e intensidades que se multiplicam na noite de Veneza forjando sua claridade, já que se trata de uma cidade banhada pela escuridão dos tempos!

A cada dia desembarca nesse espaço uma nacionalidade: na segunda são os chineses, que veem em embarcações que cabem uma cidade inteira! Na terça é a vez dos japoneses, na quarta os árabes, na quinta os ingleses, nos sábados os próprios italianos e no domingo a Europa inteira aporta na Praça de São Marcos.

Veneza fala uma linguagem única... À Veneza se vem sobretudo para sonhar! É a mais inspiradora de sonhos de todas as cidade que visitei... Paris pode ser a mais imaginária das cidades, mas Veneza é mais onírica. Para sonhar em Veneza basta tomar a barca, aqui o tempo escorre não como areia, mas como a correnteza das águas, as ondas brancas, azuis, plásticas passam rápido e mudam como as nuvens na ventania.

5. A Veneza invisível: filigranas da cidade

Calvino é o único capaz de revelar segredos e ainda assim cultivar o mistério. O segredo semi-revelado é uma fresta aberta que nos move a seguir. É difícil terminar o livro de Calvino (1990) e lembrar o nome de todas *as cidades invisíveis*, mas é fácil reconhecer na sua descrição traços de Veneza e das nossas cidades, tanto as cidades do passado, quanto as contemporâneas. Nelas depositam-se características das cidades que conhecemos. Assim, Cavnevacci (2004), ao interpretar a cidade polifônica identifica São Paulo com *Cecilia* – a cidade em todo lugar – que mesmo percorrida por horas, ainda é a mesma cidade. A invisibilidade da cidade de Calvino (1990) é a sua dissolvência em todas



as cidades, a cidade que se repete para fixar uma imagem na mente. Àquela em que *os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas* (CALVINO, 1990, p.17).

As cidades guardam segredos dentro das palavras que a descrevem. Assim, Calvino (1990) costura uma palavra na outra plenas de força, repletas de sentidos, para revelar cidades cujas paisagens nunca mais poderíamos nos esquecer, que fixam uma memória extraordinária, plena de recordações. E são cidades que nos permitem imaginar as ruas, ponto por ponto na sua sucessão e as casas ao longo destas, as portas e janelas, também a praça e suas esculturas, as torres de vidro, o relógio, o coreto, os arranha-céus e tudo o mais que podemos colocar no mosaico de nossas lembranças. Como não nos envolvermos com os segredos de *Maurília, Olívia, Esmeraldina, Anastácia, Ercília, Otávia, Tamara* e tantas outras. De certo modo, moramos em cidades de Calvino.

As cidades de Calvino são cidades portuárias, cidades antigas, cidades no pináculo do tempo, são também cidades sonhadas e desejadas. Cidades onde a vida acontece por entre pátios de azulejos, chaminés e salões e as bailarinas dançam em trajés esvoaçantes. Cidades picturais onde a imaginação fervilha e pinturas são executadas com perfeição. São cidades contadas por elas mesmas, repetindo-se simbolicamente dentro de nós. Assim, são as nossas cidades, vista através de um negativo fotográfico. A narrativa de Calvino abarca o que elas são e ainda o que elas virão a ser.

Cidades aéreas cortadas por dirigíveis a flutuar sobre os cumes dos edifícios, cidades subterrâneas com seus ocos, com seus poços, suas passagens, suas agulhas, suas tatuagens. Cidades cujo trânsito condiciona a passagem da paisagem visível à paisagem invisível. Por vezes, opacas e sonoras, por vezes, um caleidoscópio silencioso - a imaginação nas cidades de Calvino caminha de mãos dadas com os sentidos - as cidades conservam seu mistério na narrativa que se abre como as dobras de um leque e, ao mesmo tempo, conservam a sua redondez.

Calvino (1990), como nas *Mil e Uma Noites* em que um conto aparece dentro do outro e há um caráter infinito da criação, como afirma Haddad (2011), faz das cidades invisíveis também uma narrativa dentro da narrativa – Calvino, através de Marco Polo, com os fios dourados da imagem-lembrança faz a imaginação cerzir e tece dentro da noite, como Scherazade, o fez nas suas noites árabes. Contudo, apesar da multiplicidade de



características e imagens urbanas, a obra de Calvino (1990) contém uma cidade essencial, profunda, revelada em filigranas em todas as cidades invisíveis: Veneza.

Em algumas cidade de Calvino, porém, Veneza não está apenas na essência, mas é ela toda, um perfil de Veneza, são as cidades aquáticas tais como Ipásia, Armila, Valdradada, Olívia, Eutrópia, Esmeraldina, Fílide ou Pirra. Essas cidades circundadas pelas águas são as mais encantadoras, simbólicas e estéticas tais como as imagens de Veneza em seu onirismo. A imagem da cidade figura como um sonho azul com pontos reluzentes de dourados e verdes. Jardins que exalam petúnias, romãs e figos maduros e as cantigas dos canais, correndo cheios de sons cristalinos, tudo ao redor acompanha a harpa das águas.

Em Ipásia, por exemplo, encontramos novamente o simbolismo da morte nas águas:

De todas as mudanças de língua que o viajante deve enfrentar em terras longínquas, nenhuma se compara à que o espera na cidade de Ipásia, porque não se refere às palavras mas às coisas. Uma manhã cheguei a Ipásia. Um jardim de magnólias refletia-se nas lagoas azuis. Caminhava em meio às sebes certo de encontrar belas jovens damas de banho: mas, no fundo da água, caranguejos mordiam os olhos dos suicidas com uma pedra amarrada ao pescoço e os cabelos verdes de algas. (CALVINO, 1990 p. 47).

Já em Armila o encantamento das águas se dá na cidade porque as águas são seu próprio feitiço e sentido “nela não há nada que se pareça com uma cidade, exceto os encantamentos da água” (CALVINO 1990, p. 49). Armila é uma cidade das ninfas a irromper nas fontes com seus espelhos e modos de desfrutar a água. Essa água ninfeizada é mais uma manifestação do devaneio das águas que banham a cidade.

Há uma profunda correlação entre as águas e o espelho, de acordo com Durand (1997). Para numerosos pintores o espelho é um elemento líquido e na mitologia as ninfas que se miram no espelho e nas águas podem deter uma metamorfose mortal.

Segundo Bachelard (1997, p. 23-24) a miragem nas águas são menos verdadeiras do que todos os outros espelhos da terra. O espelho necessita de uma longa psicologia para compreender a ambivalência profunda do narcisismo, pois, o espelho aprisiona em si, um segundo mundo que lhe escapa. No entanto, o espelho da fonte é voltado para uma imaginação aberta. Tal espelho das águas é visto como um *sonho*



natural, como expôs Bachelard (1997), com a junção da experiência poética e onírica. Porém, o verdadeiro espelho que podemos de fato atravessar é o espelho das águas.

Veneza, por vezes, é imaginada espelhada. Na obra de Calvino (1990) muitas das cidades invisíveis são espelhadas, duplicadas, como Eudóxia, Eusápia, Bersabéia, Valdrada. Está última é a cidade a beira do lago duplicada no espelho que convive com uma cidade gêmea cujas faces estão voltadas uma para outra, mas sem se amarem.

Em Olívia também há uma cidade banhada pelas águas, entrelaçadas de tapetes e canais suspensos, com cascatas que movem as pás dos moinhos. Nela, as mulheres navegam à noite em canoas iluminadas! Cidades aquáticas detentoras de cursos d'água, banhadas por rios, fontes ou pelo mar, sejam quais forem as águas uma filigrana de Veneza aparece, como em Esmeraldina que vemos os traços mais expressivos da cidade.

Em Esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza-se [...] Em Esmeraldina a linha mais curta entre os dois pontos não é uma reta mas um ziguezague que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para os transeuntes não são dois mas muitos, e aumentam ainda mais para quem alterna trajetos de barco e transbordos em terra firme.[...] Um mapa de Esmeraldina deveria conter, assinalados com tintas de diferentes cores, todos esses trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos. (CALVINO 1990, p. 83-84).

Esmeraldina tem uma paisagem de canais e pontes arqueadas, sempre possibilitando um novo itinerário, livrando os habitantes do tédio. Lá, mesmo as vidas mais rotineiras seguem sem se repetir Calvino (1990). Uma cidade da variedade de caminhos e da multidão, milhares de olhares a percorrem todos os dias. Sua paisagem é multiplicada infinitas vezes a cada quarto de hora, uma cidade que sua imagem adere, impregna e mesmo assim, nunca a esgotamos o fundo do seu mistério. Contudo, Fílida parece ainda a fotografia imaginária ainda mais fiel, pois, é possível deter-se na sua beleza, como nos detemos na imagem de Veneza.

Ao chegar a Fílida, tem-se o prazer de observar quantas pontes diferentes entre si atravessam os canais: pontes arqueadas, cobertas, sobre pilares, sobre barcos, suspensas, com os parapeitos perfurados, quantas variedades de janelas apresentam-se diante das ruas: bifores, mouriscas, lanceoladas, ogivais, com meias luas e florões sobrepostos; quantas espécies de pavimentos cobrem o chão: de pedregulhos, de lajotas, de saibro, de pastilhas brancas e azuis. Em todos os pontos, a cidade oferece surpresa para os olhos [...] “Feliz é aquele que



todos os dias tem Filide ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém”. (CALVINO, 1990, p. 85).

As cidades esplendidas da narrativa de Marco Polo para o grande imperador Kublai Khan, recriadas por Ítalo Calvino, terão em Veneza a sua partida imaginária, de onde Polo saiu e para onde almejava voltar, onde sua memória conserva a imagem, o simbolismo e o desejo. As outras cidades são representadas, são filigranas, são invisíveis e, no meio destas, só a visão de Veneza permanece.

Todas às vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza [...] Para distinguir a qualidade das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza. (CALVINO, 1990, p.82).

A cidade é sempre um convite à lembrança e encontramos este sentido nos mais variados poetas. Augusta de Faro Curado (1988) afirma que: quem esteve em Veneza não poderá jamais esquecer a formosa “rainha do Adriático” e a descreve também sublinhando seu encanto misterioso, o céu azulíssimo da cidade, suas quatrocentas pontes, palácios e vários lugares, mas que na sua beleza não contém apenas alegrias, há algo de mortal, de uma profunda dor, uma angústia e todos esses elementos são citados na sua poesia em prosa denominada For Ever:

Mas do que ninguém sempre hei de recordar da bela cidade, não só pela impressão que me deixou o aspecto encantador de suas lagunas, onde se cruzam em todas as direções as gôndolas, que deslizam mansamente sobre as águas, mas igualmente por ter aí conhecido uma dessas criaturas infelizes, cuja história é um poema de dor. (FARO, 1988, p. 79).

O texto de Faro Curado (1988) une paisagens de festa e noites enluaradas cobertas de estrelas no céu de Veneza a uma história de amor e morte, assim, o encanto mistura-se a melancolia, com gondoleiros na aurora e gôndolas cobertas de flores, verduras e peixes. A essência das imagens de Veneza e seu onirismo reúnem assim, amor e morte, um azul intenso, a imensidão líquida e muitas gôndolas.

Devido ao céu que contrasta com as cúpulas forjando o azul da cidade podemos dizer que Veneza detém primordialmente dois dos estados da imaginação material descritos por Bachelard (1997, 2001): água e o ar. Os canais, as gôndolas, as pontes, as torres, as cúpulas, as brumas traçam a ligação entre às águas e o céu. Por isso



há sempre uma duplicação, um espelhamento da cidade que reforça seu simbolismo, deixando a marca de uma beleza *tragicamente lírica*, como representa Cecília Meireles (1968) no poema *Pintura de Veneza*:

*E o Canal a oscilar as longas águas plúmbeas,
e a voz do gondoleiro a ecoar em muros úmidos,
a abrir passagem nas estreitas ruas líquidas...*

*Ouro, negro, escarlate, essas cores da gôndola,
E seu fino perfil, tragicamente lírico:
- harpa, sereia, cimitarra – transformando-se...*

*Este fundo de mar, estes mortos crustáceos,
Este limo, esta sombra, e esta ramagem límpida,
Nos remos – franja vã de esmeraldas e pérolas.*

*Ah! o tempo concentrado entre as pontes e a névoa,
E as escadas à chuva, e à solidão levando-nos,
E os olhos cheios de mosaicos de lágrimas...*

*Labirintos de calcedônias e crepúsculos.
Guardai meu sonho que deixei sobre relíquias,
Na asa dos pombos, e na vasta, insigne púrpura*

Dos rododendros, fugitivos como pássaros...
(MEIRELES, 1968, p. 129).

Se Veneza é tão bela e cheia de seduções, o que explica esse dilaceramento que ela provoca? De certo modo, já respondemos a essa questão na apresentação dos tópicos anteriores: a própria paisagem de Veneza, em sua beleza transcendental e simbólica evoca imagens da viagem fundamental. É impossível ir à Veneza e esquece-la, ela detém imagens poderosas e de certo modo é impossível ir à Veneza e não morrer um pouco! O poema de Cecília Meireles está cheio de evocações: águas plúmbeas, solidão, crepúsculo, mosaico de lágrimas, púrpura. Palavras, cores, signos e sentidos que evocam o adeus e o dilaceramento da última partida.

Também na sua crônica de viagem *Cidade líquida*, Veneza vem como que saída de um sonho milenar:

As gôndolas parecem cisnes pretos [...] O dia é cinzento, as ondas são turvas. [...] Mas as fachadas dos palácios perpendiculares à água têm uma imponência melancólica e inatural, em suas linhas góticas, bizantinas e do Renascimento. Num dia de sol, tudo isso brilhará: torres, agulhas cúpulas, arcos, varandas – e a travessia do Canal será um passeio fantástico, ao balanço das negras gôndolas oscilantes. Mas assim com o céu nublado e um leve chuveiro, parece que se está dormindo e sonhando um sonho milenar. (MEIRELES, 1999, p.80).



Além do sonho milenar, a cidade também possibilita um estado de epifania, uma experiência do sagrado, como um batismo de luz:

Quanto a nós, iremos para muitos lados: entraremos na resplandecente igreja que é como o limiar de outro mundo[...] Passaremos sob o batismo de luz que cai das abóbodas, quem vem pelas paredes, de santo em santo, até o chão. Descansaremos a alma em relíquias, alabastros, objetos encantados, de ouro e milagre. Pensaremos entre as colunas do pórtico deslumbrante: “Os céus se abriram e o Espírito desceu como uma pomba [...] E assim a andar de ponte em ponte, e a querer sempre voltar à São Marcos, para sucessivos batismos de luz.(MEIRELES,1999, p.81).

Para Cecília Meireles, Veneza foi vista também como um lugar de coisas eternas e sublimes. A autora narra histórias de amor e mar, relata sobre as joias da cidade ligadas a muitas formas de amar e pertencer, que fazem de Veneza a própria Vênus vinda numa concha. A cidade, assim, é a própria matéria de uma arte eterna. Partir dela também significa desfazer-se em saudades e recordações, é ir na gôndola como em um cisne, nas palavras da autora, ao mesmo tempo pássaro e barco.

6. Considerações Finais

Veneza tem uma origem que se perde na noite dos tempos, condensando muitas épocas. É um lugar de memória que tem entre os seus emblemas a concepção de museu a céu aberto, dentre tantos outros títulos que detém. É uma cidade construída sobre 118 ilhas que reúnem simbolismos de vários espaços geográficos singulares unindo o mar, a ilha, o lago e à cidade, fundindo-os numa bruma imaginária. Trata-se, assim, de um espaço imaginário por excelência, receptáculo das mais diversas artes, sendo ela própria uma joia, uma obra de arte. Veneza é um caso esplêndido de topofilia: agrega tanto um profundo afeto como um ideal mítico de urbe. Neste sentido é também “capital do amor”, do ponto de vista em que suas paisagens geram imagens amorosas nos poetas de todos tempos, revestindo-a de uma pátina afetiva. Percorri a subjetividade de alguns poetas que a cantaram e confrontei com as minhas próprias impressões. Quando aportei naquela cidade tive minha primeira experiência de empiria onírica. Esse texto não surgiu de uma intensão de gesto *a priori*, mas foi despertado pelas imagens poderosas da cidade. Foi imediata a evocação de paisagens míticas que só encontramos nos sonhos mais profundos e sem esforço uma imagem de Caronte foi reconhecida no trajeto lento de uma



gôndola ou no sonho da cidade celeste, azul e branca, vislumbrada na beleza sensual de uma cúpula, de uma abóboda, de seus arcos, leões e pontes curvas. Assim, você pode se debruçar pelas imagens dos poetas e suas impressões de Veneza ao longo dos séculos ou no recorte de um autor, de uma obra, pode mergulhar no mar de imagens venezianas e a partir de uma fenomenologia metafísica perscrutar as partículas do símbolo que ela detém ou buscar o buquê arquetípico que ela contém. Mesmo assim, a cidade reserva a cada viajante uma imagem única, a cada passante que souber lhe admirar uma surpresa. Lá podemos sempre nos deparar com uma poesia original, nova, que podemos guardar dentro de nós, amorosamente, como um camafeu.

Veneza ainda pulsa em mim. Suas águas pungentes e pastéis, seus aromas e tons de azul e verde cantam em minha memória. Eu sou todos os lugares por onde passei e amei. Como na oração árabe ela está nas minhas palavras, no meu pensamento e no meu coração. A Veneza, você jamais diz adeus! Se você foi até ela e cruzou suas pontes e seus canais, embrenhou-se nas suas brumas do tempo, ela estará em você até a noite da sua existência. Você assim, retornará sempre para ver suas estrelas e seus fantasmas.

7. Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BECKETT, Wendy. **História da pintura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. RJ, Petrópolis: Vozes, 1986.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- CURADO, Augusta de Faro Fleury. **Devaneios**. Goiânia: Secretária de Estado da Cultura, 1988.



DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HADDAD, Jamil Almansur. **Interpretações das mil e uma noites**. 1986. Acesso em 31 de maio de 2017. Disponível em <http://www.hottopos.com//collat6/jamyl.html>

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Barcelona: Garamond, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Poemas italianos**. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1968.

POLO, Marco. **O livro das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 13/07/2017.

